

**GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CARLOS ALBERTO REYES MALDONADO
UNEMAT CAMPUS UNIVERSITÁRIO DEP. RENÊ BARBOUR
LICENCIATURA INTERCULTURAL INDÍGENA**

PIRATÁ WAURÁ

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO POVO WAURÁ: ENTRE
ORALIDADE E A ESCRITA**

**Barra do Bugres
2016**

PIRATÁ WAURÁ

**LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO POVO WAURÁ: ENTRE
ORALIDADE E A ESCRITA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
Universidade do Estado de Mato Grosso-
UNEMAT, *Campus* Universitário Dep. Est.
Renê Barbour, como requisito parcial para
obtenção do título de graduado em Línguas,
Artes e Literaturas.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Lucimar Luisa
Ferreira

**Barra do Bugres
2016**

FICHA CATALOGRÁFICA

CIP – CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO

W3541 WAURÁ, Piratá.

Literatura na Educação Básica do Povo *Waurá*: entre oralidade e a escrita / Piratá Waurá. – Barra do Bugres, 2016.

44 f. ; 30 cm. (ilustrações) Il. (colorido).

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Curso de Graduação Licenciatura Intercultural Indígena, Faculdade Intercultural Indígena, Câmpus de Barra do Bugres, Universidade do Estado de Mato Grosso, 2016.

Orientadora: Profa. Dra. Lucimar Luisa Ferreira.

1. Povo *Waurá*. 2. Literatura Tradicional. 3. Ensino. I. Ferreira, L. L., Dra. II. Título. III. Título: entre oralidade e a escrita.

CDU 572.9(=81/=82)(817.2)

PIRATÁ WAURÁ

LITERATURA NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO POVO WAURÁ: ENTRE ORALIDADE E A ESCRITA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Banca Avaliadora do Curso de Licenciatura Intercultural – UNEMAT, Campus Universitário Dep. Renê Barbour como requisito para obtenção do título de Licenciada em Ciências Matemáticas e da Natureza.

Barra do Bugres, 25 de abril de 2016.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Lucimar Luisa Ferreira
Professora Orientadora

Prof.^a Dr.^a Mônica Cidele da Cruz
Professora Avaliadora

Prof. Me. Isaías Munis Batista
Professor Avaliador

**Barra do Bugres
2016**

AGRADECIMENTOS

A querida prof.^a Lucimar Luisa Ferreira, grande amiga e orientadora espiritual, que me acompanha e encoraja a viver cada dia como um novo aprendizado, que me oferece sua atenção e carinho nos gestos pequenos, simples e inesquecíveis.

Agradeço a professora Mônica Cidele Cruz, por me encantar com suas doces palavras, gestos e acolhida. Por me incentivar e me deixar relevar em minhas criações sem medo de errar. Por me mostrar a beleza que existe em fazer aquilo que se gosta, com amor, dedicação e sensibilidade, também por acreditar na minha capacidade de vencer esse curso que para mim foi extremamente difícil.

Agradeço, especialmente, à professora Regiane Custódio, pela orientação, amizade, carinho e pela oportunidade de melhores condições de aprendizagem e pesquisa que aprimorou minha formação, pelo incentivo e ajuda, pois sem sua mediação, esse trabalho não se tornaria uma realidade.

Aos meus amigos que permanecem, desde longa caminhada e pelas amizades que foram construídas nesses anos de faculdade. Também, pela troca de experiência, pelo compartilhamento de ideias, pela paciência, apoio e ajuda preciosa que ofereceram em nossa *práxis* cotidiana.

Agradeço *Kuwamoto* (Deus) pela existência e pelas forças renovadas a cada dia para que esse sonho se concretizasse.

Ao meu pai e minha mãe que me incentivaram a trilhar o caminho da educação, com os mais diversos obstáculos.

A minha família pelo apoio e por entender a minha ausência, pelos estresses suportados durante esses anos de graduação.

Ao meu povo Waurá, por sempre valorizar o meu trabalho na Educação Escolar Indígena.

Agradeço ao senhor Malalo Waurá que contribui bastante neste trabalho, o cacique Awaulukumá Waurá que ajudou muito a realizar este trabalho e Atakaho Waurá que também colaborou bastante nesta pesquisa.

Aos meus colegas indígenas por estarem ao meu lado nas dificuldades e por disponibilizarem em me ajudar sempre.

Aos professores e professoras do curso que contribuíram para minha formação, principalmente, aqueles que muito acrescentaram ao socializarem seus conhecimentos e experiências.

Ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência – PIBID – DIVERSIDADE – CAPES, o qual me possibilitou novas experiências e prática na minha atuação como professor.

RESUMO

Este trabalho trata do registro de narrativas orais com os alunos na educação básica na sociedade Waurá e o significado da literatura para o povo. Na cultura Waurá, todos os membros da comunidade ainda se reúnem no centro da aldeia, ao final da tarde, onde, antigamente, eram contadas histórias especificamente para as crianças. Como isso já não acontece mais, o objeto da pesquisa passou a ser as narrativas orais que as famílias do povo Waurá contam para seus filhos da oralidade, que é a forma de educar as crianças tradicionalmente na cultura. Deste modo, os principais objetivos são reconhecer e registrar as histórias que são contadas pelos anciões às crianças e jovens, pois, com a chegada da escola na aldeia, faz-se necessário o registro dessas histórias em forma de livros para serem trabalhadas com as crianças e jovens na prática de leitura, além de servir como fonte de pesquisa na escola. Assim, para mostrar a importância das narrativas na educação básica, descrevemos alguns aspectos da cultura, território e a família linguística. Com base em Cândido (2006), Daniel Munduruku e Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas - RCNEI, tratamos da literatura ocidental, da literatura indígena, das narrativas indígenas na Educação Tradicional e das narrativas na educação escolar Indígena. Por fim, apresentamos a narração das histórias do povo Waurá, a partir de entrevistas gravadas com Malalo Waurá e outros anciões e suas respectivas análises. Embora transcritas aqui apenas em português, as histórias do povo Waurá estarão registradas para os alunos aprenderem mais sobre sua cultura. Também servirão para transmitir esse conhecimento para a nova geração e manter essa identidade simbólica do povo. Ao final deste trabalho, concluímos que, de fato, a literatura é bastante rica e constitui a essência da sabedoria indígena, de todo conhecimento tradicional. No entanto, é preciso aprender a trabalhar essa literatura na escola com as crianças e adolescentes para mostrar a eles a importância desse conhecimento.

Palavras-chave: Povo Waurá. Literatura tradicional. Ensino

RESUMO NA LÍNGUA WAURÁ

Kãitsixuwi Apitsepene

Kata umaki aasatapai kala agakonano awaunakirepei iyaapai anakuwã iyakakonapitsanapai aunaki paukaka. Onai iyakapai kala nejoyajo Wauja aunalitsapitsanapai patãï pawoho ou maká anatakona atapana otaku nejo iyene esikula onaku maká akiyejetuwakona okaho, makatsapama onatsapata yamukunãu uutene awaunakirapohogou. Okahoyajopai kata umakiyiu aasatawe itsaapai kajaopa iyãkapitsanapai pawaunakirakaka iyatsapatamawe onai muteitsiyãu iyakapitsanapai aunaki, punupawe onai kala iyakapitsanakonapaai aunaki atapana otakuwa, iyãkaapai pakanatoga aunaki itsatsai onawojogakuwui. Iyakakonapai aunaki pakanatoga itsatsai kala pixekojene iyãu itsenu, nejo Wauja onakepeiyiu itsenu kiyejepei aasaatapai aunakitsixe-eu. Kata tumakonano umakixeu aasatapai nejoyajopaei akiyejetuwakonapai onaku já putakanako onai, esikula ojupaiyaku putakanakuwui akapanatapai kiyãka Wauja onaaka aitsá wasixuweneje atapana otakutsiu. Iyapé atapana otaku kala Wauja iyãkapai patowo onakuwa patãiyãu ouviu maká onatsapata yamukunão uuto yekitsa. Katanai aastaweme Wauja onaukirapitsitsãï, taunapai onai katsa kehotopei onai waujapoho opoku.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1 – Parque Indígena do Xingu..... 15
- Figura 2 – Demonstração da faixa de amortecimento da Terra Indígena do Xingu..... 15

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – SOBRE O POVO WAURÁ.....	13
1.1 Quem somos	13
1.2 Espaço geográfico da Terra Indígena do Xingu	14
CAPÍTULO II – DA LITERATURA	17
2.1 Literatura ocidental.....	17
2.2 Literatura Indígena.....	17
2.3 As narrativas indígenas na Educação Tradicional	19
2.4 As narrativas tradicionais na Educação Escolar Indígena	21
CAPITULO III – A HISTÓRIA NARRADA	Erro! Indicador não definido.
3.1 História de narração do povo Waurá	23
3.2 A Menina e a Anta.....	25
3.3 As histórias semelhantes.....	28
3.4 Agupé e o rapaz	29
3.5 Mulher Buriti	30
3.6 Povo cobra e ave.....	32
CAPITULO IV – A LITERATURA E A ESCOLA	36
4.1 Experiências de literatura na escola.....	36
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	40
REFERÊNCIAS	42
CONSULTORES NATIVOS.....	42

INTRODUÇÃO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa sobre a literatura indígena Waurá na educação básica. Trata-se de um trabalho de final de curso, representando a etapa final de um esforço de cinco anos e a concretização de um importante objetivo pessoal: a conclusão do curso do Ensino Superior em Licenciatura Intercultural, da Faculdade Indígena da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, no Campus Universitário Deputado Estadual Renê Barbour – Barra do Bugres - MT.

O estudo aborda o tema “registro de narrativas orais com alunos da educação básica”, discutindo-se o significado da literatura tradicional para o povo Waurá. As histórias tradicionais são de suma importância para a aprendizagem das crianças e jovens, pois narram e explanam importantes aspectos de sua cultura. Além de se constituírem como reservatórios de história e conhecimento ancestral, estas narrativas compõem a literatura tradicional. Com essa compreensão, o objetivo traçado foi reconhecer e registrar as histórias que são contadas pelos anciões Waurá às crianças e jovens, mostrando a importância das narrativas tradicionais do povo indígena Waurá na educação básica.

A pesquisa, de cunho qualitativo, foi realizada na aldeia *Piyulaga*, demonstrando o aprofundamento do conhecimento de literatura na cultura do povo indígena Waurá, no que se refere à aprendizagem da educação tradicional de contar histórias, principalmente contar o mito que está presente na literatura tradicional do povo, que é muito importante para a educação indígena. A educação escolar indígena é uma forma de aprendizagem formal que foi implantada na comunidade indígena Waurá, de acordo com o que garante o direito da Constituição Federal de 1988. Este trabalho, como já foi dito, foi realizado na aldeia *Piyulaga*, que tem 31 casas e mais uma no centro, que é uma casa dos homens e na aldeia vivem aproximadamente 394 indivíduos.

A justificativa deste trabalho é que o povo *Waurá* tem as histórias que são contadas, especificamente, para as crianças e que tradicionalmente eram narradas de uma forma oral. Esse conhecimento empírico guardado na memória de grandes historiadores do povo é importante para a formação das crianças Waurá. No entanto, com a chegada da escola na aldeia se faz necessário o registro dessas histórias em forma de livros didáticos para os professores trabalharem com as crianças na prática de leitura na sala de aula, que pode ajudar muito os alunos a ter acesso a esses conhecimentos que não estarão apenas na oralidade, mas que se transformarão em escrita e, assim, permitirão que se conheçam os diversos elementos presentes na cultura do povo Waurá, que antes só se tinha acesso por meio da oralidade. Com

esses registros, as ciências tradicionais assumem grande importância que pode chamar a atenção dos alunos indígenas com o intuito de fazê-los gostar da leitura e entender tanto o valor das histórias para reforçar a identidade cultural do seu povo, como o valor da pesquisa que foi desenvolvida na comunidade.

A partir da pesquisa realizada na aldeia *Piyulaga*, outros povos, quer sejam indígenas ou não indígenas, vão conhecer um pouco da cultura Waurá por meio da escrita ou por meio da narrativa oral. Nesse sentido, este trabalho de pesquisa trata de um tema relevante sobre a literatura infantil tradicional, a partir do conceito dos escritos indígenas, confrontando com a visão literária do conhecimento ocidental. De outra parte, esta pesquisa se justifica na medida em que sentimos a necessidade de fazer com que a criança se interesse pela leitura, contribuindo para aumentar seus conhecimentos e para superar as dificuldades em conhecer diferentes histórias. Deste modo, podemos educar as crianças para entender a importância da leitura, levando todos os aspectos envolvidos no seu desenvolvimento de aprendizagem bem como, as maneiras que acontece na escola.

Durante a pesquisa na escola, foi possível notar que existe um desinteresse das crianças em ler, e, de modo geral, parece não haver incentivo para que a leitura aconteça. Ao mesmo tempo, se tem uma preocupação que aqui é colocada como indagação: como chamar a atenção das crianças para a leitura? Como despertar nelas o interesse em ler? Considera-se que pela via das histórias tradicionais de seu povo, seja possível despertar o interesse porque nas histórias de narração e os mitos estão presentes que fazem parte da história de povo, ou seja, a sua própria história está sendo contada conforme as suas tradições.

Este trabalho de pesquisa está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, tratamos das características sobre o povo Waurá, localização e o modo de convivência na tradição de repasse de conhecimento oral para seus filhos e netos. No segundo, apresentamos conhecimentos e entendimentos da literatura ocidental, conforme as informações estudadas nas fontes bibliográficas, sendo entendida como instrumento que provoca amor e alegria nas pessoas, mostrando o mundo de criação que permeia a realidade da convivência. No mesmo capítulo tratamos de literatura indígena, com o entendimento de que a narração de histórias é a literatura tradicional na cultura dos povos indígenas, a qual mostra a identidade de cada povo. Esse ponto de vista, destacamos a filosofia do Daniel Munduruku, a qual explica que na cultura dos povos indígenas a literatura é tudo: dança, canto, trabalho, etc. Colocamos a esclarecer como o povo Waurá repassa os conhecimentos das histórias para seus netos, conforme as suas tradições, na convivência e a importância do conhecimento na cultura Waurá. O trabalho possibilitou-nos ver que da escola na aldeia veio fortalecer a cultura

tradicional, principalmente, na defesa e registro de informações empíricas, que mais valorização ao reconhecimento tradicional. Também apresenta como o ensinamento, através da oralidade, está presente na sociedade indígena do povo Waurá. Outro aspecto tratado no terceiro capítulo foram as análises das histórias narradas pelo ancião, durante a coleta de dados com os alunos indígenas da comunidade, explicando todo o significado das histórias de narração para o povo e sua relevância.

No capítulo quatro, apresentamos as práticas e experiências de aplicação nas aulas de literatura indígena na escola, mostrando uma aprendizagem e ensino aplicado através de pesquisa de campo, entendendo o ambiente do narrador.

CAPÍTULO I – SOBRE O POVO WAURÁ

Com base em informações do Instituto Socioambiental – ISA (2004), o povo Waurá, atualmente composto por uma população total de 394 indivíduos, habita a Terra Indígena do Xingu e a Terra Indígena do Batovi, no nordeste do Estado de Mato Grosso. Constituem, ao lado do povo Mehinako e Yawalapiti, os únicos falantes de línguas da família Aruak no alto Xingu. Povos que, em conjunto com os Paresi e com os Enawene Nawe de outras regiões do Mato Grosso, formam o grupo dos Maipure centrais (PAYNE 2001 apud FRANCHETTO, 2001, p.116).

1.1 Quem somos

Nos territórios do povo Waurá existem três aldeias: *Piyulaga*, *Piwelene* e *Ulupuwene*. Trata-se de aldeias circulares, com uma praça e casa central (a casa das flautas e dos homens) e várias ocas dispostas ao redor, onde habitam, aproximadamente, 9 a 15 pessoas de uma mesma família, reproduzindo um padrão de aldeamento característico dos povos xinguanos. De acordo com o Instituto Socioambiental - ISA (2004), os Waurá “são notórios pela singularidade de sua cerâmica, o grafismo de seus cestos, sua arte plumária e máscaras rituais”. Além da “riqueza de sua cultura material”, o povo Waurá possui “uma complexa e fascinante mito-cosmologia”, que valoriza os vínculos entre os animais, as coisas, a paisagem, os humanos e os seres extra-humanos. Os mitos, tradicionalmente narrados oralmente, expressam uma concepção de mundo muito particular e se encontram na base das práticas dos pajés, das práticas rituais, das regras sociais e matrimoniais, do conhecimento dos recursos naturais, do território histórico do povo, das competências e saberes tradicionais que ensinam a subsistir na paisagem.

A aldeia *Piyulaga* (local dessa pesquisa) é considerada a aldeia central por ter o maior número de habitantes. É assim chamada por ficar nas proximidades da lagoa *Piyulaga*¹, lagoa que se encontra ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi (ou Rio *Tamitatoala*, que é seu nome tradicional), um dos formadores do rio Xingu. A aldeia *Ulupuwene* foi formada recentemente e fica na margem esquerda do rio *Ulupuwene*, afluente do rio Batovi, abrangendo a parte sudeste do Território Indígena do Xingu. Nessa aldeia vivem aproximadamente 70 indivíduos. Ambas as aldeias se localizam na região do Alto

¹ Piyulaga que pode ser traduzida por nome de Piyulakumã (Dono de tipos de espécies de peixes que existem na lagoa) que dá o nome a uma das aldeias.

Xingu, município de Gaúcha do Norte – MT. A aldeia *Piyulewene*, na região do médio Xingu, município de Feliz Natal – MT, localiza-se à margem esquerda do rio Von Den Steinen. Nesta aldeia vivem 32 pessoas, e existem, ainda, cerca de 100 pessoas que habitam as demais localidades da Terra Indígena do Xingu e nas cidades como Canarana e Feliz Natal.

Conforme a tradição Waurá, todos os dias, ao final da tarde, as pessoas têm o costume de se reunirem no centro da aldeia, na casa dos homens, onde os pajés, fumando em volta de fogo, trocam ideias com os caciques e os jovens que estão presentes nessa união. Antigamente, eram contadas histórias nessa união, os jovens pediam ao cacique ou ao ancião presente para contar as histórias. Nesse local, eles ficavam narrando histórias para as pessoas até escurecer. Assim os membros da comunidade levavam as informações sobre as histórias narradas para suas casas, compartilhando esse conhecimento empírico com seus filhos e netos, passando a nova geração. Desta forma, a comunidade Waurá apresenta o valor e a importância da própria identidade de contar as histórias. Contar as histórias no centro da aldeia é uma prática da cultura tradicional e que, desse modo, o povo transmite o conhecimento, pois, de modo tradicional, uma família da mesma casa, narra as histórias, principalmente, antes de dormir. Esse é o momento certo de contar as histórias tranquilamente. Atualmente, não se vê as pessoas contando histórias para os filhos, porque há muita preocupação devido ao avanço de política de não indígena chegando na aldeia. Assim no centro da aldeia, local de transmissão de informações, não se vê tratando a narração de histórias. Outro aspecto de interferência é a chegada de tecnologia na aldeia, principalmente, televisão e celulares, fazendo com que os jovens deixem de lado esse conhecimento tradicional do povo.

1.2 Espaço geográfico da Terra Indígena do Xingu

O povo indígena Waurá vive no espaço geográfico da Terra Indígena do Xingu, criada em 1961, sendo a primeira terra indígena homologada pelo Governo Federal. Seus principais idealizadores foram os irmãos Villas Boas. A área da Terra conta com mais de 27 000 quilômetros quadrados e está situada ao norte do estado de Mato Grosso. A região toda é plana, onde predominam as matas altas intercaladas de cerrados e campos. A terra é cortada pelo Rio Xingu, que é formado a partir dos rios *Kuluene*, *Tanguro*, *Kurisevo*. Forma o nome rio Xingu a partir do *Ronuro*.

Atualmente vivem aproximadamente 7 mil indivíduos, distribuídos entre quatorze povos que estão divididos em quatro regiões: No Alto Xingu vivem o povo Kamayurá,

Yawalapiti, Waurá, Aweti, Kalapalo, Matipu, Mehinako, Nafukuá e Kuikuro. No Médio Xingu, vivem o povo Ikpeng, Kayabi e Kamayurá, No Baixo Xingu, vivem o povo Kayabi, Tapayuna e Juruna e no Leste do Xingu vive o povo Kisêdjê. O primeiro mapa (Figura 1) foi criado pelo Instituto Socioambiental e o segundo mapa (Figura 2) foi produzido pelos alunos do curso de Gestão Territorial.

Figura 1 – Parque Indígena do Xingu

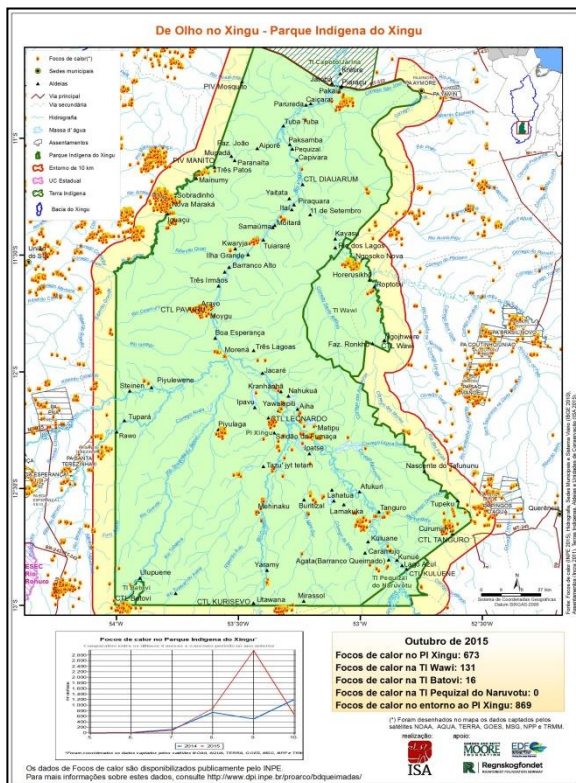
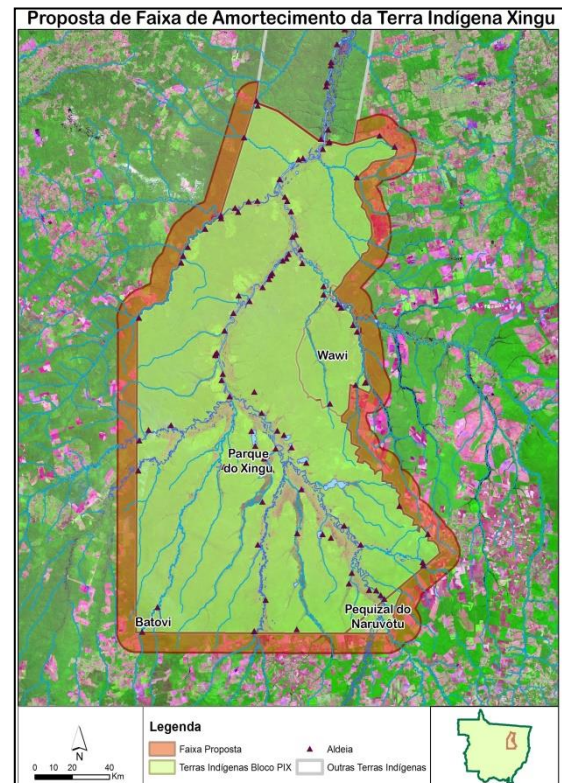


Figura 2 – Demonstração da faixa de amortecimento da Terra Indígena do Xingu



A lagoa *Piyulaga* que deu o nome à aldeia é ligada por um canal à margem direita do baixo rio Batovi, na região ocidental da bacia dos formadores do rio Xingu. O território *waurá* abrange a parte sudoeste da Terra Indígena do Xingu e tem uma das maiores fronteiras contínuas com a exploração madeireira e de pecuária. Assim, este povo está sempre mantendo o cuidado com os latifundiários nessa região. O povo indígena Waurá a sua cultura tradicional viva e está ligada à natureza, valorizando nas suas práticas culturais.

Nessa comunidade, o povo se comunica entre família, sempre na língua materna com muita valorização entre as crianças, jovens e idosos. Pode entender que a muitas pessoas,

entre mulher e homem não fala português pois, na escola, os professores ensinam se expressando na língua materna e também alfabetizando na língua materna os alunos do primeiro ciclo.

Na cultura Waurá, há uma festa muito importante na sociedade, também entre o povo do Alto Xingu, que é a festa *Kaumãï*, é um maravilhoso costume tradicional, em que o povo homenageia os espíritos dos mortos. Quando morre uma família, depois de um ano, a pessoa que enterrou a família, vai pedir para a família do morto para fazer essa festa, para sinalizar a tristeza da família. Essa festa é realizada entre o mês de julho e setembro.

Na comunidade Waurá, existe o cacique geral que organiza o seu povo, pois também existe outros membros, como o jovem lutador de *huka-huka* que pode comandar e realizar a luta, chamar os jovens, treinar no centro da aldeia. Assim como também, o cantor organiza a festa, o pajé tradicional dá as orientações ao povo para cuidar da saúde. Assim a organização sempre é decidida pelo cacique e liderança daquele povo. Este povo sempre vive dependendo dos recursos naturais da aldeia. Na construção da casa, produção de artesanato, é tudo tirado da natureza. A alimentação básica é peixe e biju, por isso, o povo valoriza mais a plantação de roça, também o jovem pode ser muito preparado para caçar e pescar antes de casar, porque o povo não utiliza dinheiro para conseguir a sua alimentação. Geralmente, o casamento acontece durante a realização da festa, onde os pais da menina pedem permissão da família do rapaz, assim o jovem é obrigado a sair da casa e morar com a família da sua esposa. Deste modo, o povo Waurá sempre valoriza as suas tradições culturais.

CAPÍTULO II – DA LITERATURA

2.1 Literatura ocidental

De acordo com as definições bibliográficas, “literatura é uma palavra com origem no termo em latim *littera*, que significa letra”. Está relacionada a um conjunto de transmissão de conhecimentos, de saberes ou habilidades de escrever e ler bem, que também se refere especificamente à arte técnica científica através de escritas ou ofício de escrever de forma artística.

Portanto, a literatura tem grande importância na vida de muitas pessoas: leitores, escritores, estudiosos, crianças e adultos, principalmente, nas escolas onde ela é bastante estudada com diversos autores e suas obras. Deste modo, a literatura é como uma ciência que causa um sentimento em que o autor leva o leitor para viajar no poder de criação e imaginação e que ajuda a entender a nova probabilidade de resposta que se espera ver, criando cada ser e aquilo que os sentidos o levam a interpretar.

A literatura também é instrumento que causa a felicidade e amor, provocando alegria nas pessoas isso que está se tornando parte da vida e da cultura de escrever, mostrando o gosto de sua arte de divulgar a sua cultura, convidando as pessoas a navegar no mundo de história da criação, em que o autor possibilita permear a resposta da realidade de um determinado universo cultural. A literatura também é uma coisa que alguém pode escrever, a partir de seu tempo e descrever o significado de um mundo em que vive.

Antônio Cândido (2006, p. 262) destaca que a literatura ocorre a partir da relação de uma obra que já está condicionada no ambiente ideológico social e cultural. Ele também aponta que “o surgimento das obras não acontece como fenômeno pontual, expressão individual, mas como um evento de natureza sociológica, pois está relacionado ao contexto social e/ou ideológico em que a obra foi formada”. O autor apresenta sistematicamente que a literatura é também um produto social e que demonstra categorias de cada civilização em que ocorre na sociedade humana e sempre podemos entender que na prática da literatura criticamente pode ter certa forma de arte ou certa obra que corresponde à realidade.

2.2 Literatura Indígena

A literatura oral indígena tem na verdade o papel educativo de transmitir valores e formas de comportamento, ponderando que cada povo também ensina a força da inteligência

na sua própria cultura, narra a história tradicional, torna a escrita indígena a afirmação da oralidade e da cultura de um povo. Daniel Munduruku é um bom exemplo de escritor de literatura indígena. Ele é um escritor e educador que nasceu em uma das comunidades do povo Munduruku no Pará, e já publicou 47 livros. Daniel saiu de sua comunidade e hoje espalha pelo mundo a cultura e a literatura indígena de seu povo. Veja o que ele diz:

No meu pensamento, a literatura indígena não é a literatura do livro, o livro é um instrumento da literatura. Mas eu entendo que dançar a dança indígena é literatura, é uma conversa com os espíritos ancestrais. O canto indígena é literatura, é poesia pura do jeito tradicional de ser. Os rituais que se faz, os ritos de passagem, as narrativas que são passadas, são recontadas, são atualizadas pelos velhos da aldeia, é pura literatura, porque ela tem essa função de jogar quem escuta, jogar quem participa no coração do mundo (MUNDURUKU, 2011, p.4).

Para Daniel Munduruku, cada povo tem a sua própria cultura que é de grande importância e também é um instrumento para mostrar esses conhecimentos tradicionais ao mundo para que conheçam os saberes indígenas. Por meio dessas diversidades culturais, entra-se em contato com ideias que já fazem parte do patrimônio cultural da humanidade que ajuda a preservar as narrativas da tradição oral.

De acordo com o relato de Malalo Waurá:

[...] todos os rituais, história que eu tenho na memória, eu gosto de contar para meus filhos, assim como meu pai gostava de contar para mim, às vezes quando eu paro e penso, poderia ser escrito para todas as crianças, jovens, adultos conhecer a nossa realidade, mas ao mesmo tempo penso que a oralidade também é muito importante na nossa tradição. (Entrevista gravada em: 12 de maio de 2015).

Nesse relato, ele afirma que a oralidade é um instrumento muito importante de contar as histórias da literatura indígena para manter a memória cultural de um povo. Sobre memória cultural, o escritor indígena Kaka Werá Jecupé (1998) considera que:

A memória cultural se baseia no ensinamento oral da tradição, que é a forma original da educação nativa, que consiste em deixar o espírito fluir e se manifestar através da fala aquilo que foi passado pelo pai, pelo avô e pelo tataravô. [...] Um narrador da história do povo indígena começa um ensinamento a partir da memória cultural do seu povo, e as raízes dessa memória começam antes de o Tempo existir (JECUPÉ, 1998, p. 26).

Para que se mantenha a memória cultural, é necessária a presença da oralidade nas sociedades indígenas, e a escrita tem um papel importante porque contribui para que as histórias que são contadas por meio da oralidade, se perpetuem e sejam conhecidas tanto por indígenas como por não indígenas. Contar histórias é uma arte, é um saber da sociedade

indígena que é passado de pais para filhos, de avôs para netos e de gerações mais antigas para gerações mais novas. Sobre o saber da oralidade Daniel Munduruku afirma que “[...] a oralidade e outros conhecimentos que não permeiam as escolas convencionais fazem parte da educação indígena brasileira, a escola indígena também tem a sua própria autonomia de aprendizagem tradicional, assim como a escola não indígena”.

Nesse sentido, é possível comparar o que diz Atakaho Waurá sobre os conhecimentos que a oralidade traz e sobre a importância em torná-los públicos através da escrita. Segundo ele, “publicar os conhecimentos de narração em escrita também é uma forma de outro povo, principalmente, não indígena conhecer a nossa realidade que temos a originalidade de ser humano, que muitas pessoas não nos conhecem”. Esse relato demonstra que o povo indígena quer ganhar o respeito maior, por isso, a literatura tem como principal objetivo divulgar a cultura indígena brasileira que é um instrumento muito importante por ser uma ferramenta capaz de transmitir o conhecimento tradicional e, principalmente, despertar o interesse das pessoas, de modo geral, para as culturas indígenas.

A partir do que está dito acima, podemos entender que a narração indígena escrita poderia circular na escola não indígena, assim como os livros didáticos enviados pelo Ministério da Educação e Cultura – MEC, que chegam às escolas indígenas.

A literatura indígena tem vários nomes que se destacam no Brasil, entre os atuais escritores indígenas podemos elencar, por exemplo: Daniel Munduruku, Kaka Werá Jecupé, Yaguraê Yamã, Eliane Potiguara e Olívio Jecupé. De fato, todos têm experiência na cidade, e, com exceção de Kaka, formação acadêmica em algum nível; mas suas produções focam na cultura indígena, seja através de histórias infantis, autobiográficas, poéticas, didáticas etc. É interessante notar que esses autores carregam um histórico de ativismo político, de luta pela valorização e sobrevivência da cultura indígena (ALANA, 2013. p.299).

Desenvolvendo uma literatura indígena e colocando na vista sociocultural, é um importante passo dado em direção ao estabelecimento de um canal de comunicação entre o cidadão indígena e o cidadão não indígena, de modo a enriquecer as possíveis relações e trocas interculturais.

2.3 As narrativas indígenas na Educação Tradicional

A literatura oral indígena tem o papel educativo de transmitir valores e formas de comportamento. A história tradicional ensina a força do conhecimento e da sabedoria. A escrita dessas narrativas para o enriquecimento do currículo escolar é a afirmação da cultura

tradicional e a valorização da oralidade do povo. O povo Waurá tem a sua própria história de narração contada geralmente para as crianças e adultos que também fazem parte da literatura indígena tradicional. O povo conta as histórias que representam o conhecimento empírico acumulado por muitas gerações, através da oralidade e da narração porque o povo Waurá não tem a cultura de escrever e educar as crianças com esses conhecimentos da cultura escrita.

A prática da educação tradicional do povo Waurá, de narrar as histórias geralmente acontece antes de dormir, contando para os filhos e explicando os sentidos para interpretação. Podemos entender que têm as histórias curtas e as histórias muito longas. Essa determinação de duração de tempo deixa as crianças adormecerem. No outro dia, no mesmo horário, se reinicia a mesma história e sempre assim, até esta chegar ao fim. Como destaca o pajé Isautaku Waurá:

Quando a história é longa, não dá para contar tudo, porque a história é muito, dependendo de ouvinte, bem como não responde você e pergunta – você está com sono, já vai dormir? Quando ele responder que sim e pode parar, e disser que a história continuará amanhã, isso significa que ele não vai esquecer, no outro dia do mesmo horário, pede reiniciar narrar até chegar o fim da história.

As histórias são contadas pela mãe, pelo pai e pelos próprios avós da criança, que assumem a responsabilidade de passar esse conhecimento. Assim, as crianças vão gostar muito de ouvir e vão querer ouvir mais para passar aos colegas, contando as histórias com muito gosto. Às vezes, a mãe pode contar alguma história na ocasião de trabalho como confeccionar esteira, a menina pode sentar ao lado ouvindo a narração da mãe. Essa é uma tradição oral do povo Waurá que pode ser compreendida como um conjunto de ensinamentos herdados. Essas narrativas e práticas são instrumentos da parte constituinte que se integra à educação tradicional Waurá.

Muitas das histórias contadas pelo povo são conhecidas na cultura ocidental como “mitos”, na língua Waurá se chamam *Aunaki*. De acordo com Helena N. Brandão, os mitos são muito importantes, pois:

[...] o mito são narrativas de composição simples e que têm uma explicação de uma necessidade que temos nós os seres humanos, de dar sentido para as coisas, para os fenômenos que nos cercam. Focando nas raízes culturais de um povo, revelando-nos o seu conhecimento de mundo, seu modo de ver a realidade. Dessa forma, o mito constitui um gênero narrativo que faz parte da construção da identidade de um povo (BRANDÃO, 2011, p. 48).

E em se tratando do povo Waurá, não é diferente, o mito é a força da identidade do povo, sendo narrado através da oralidade para ensinar às crianças as coisas do mundo.

2.4 As narrativas tradicionais na Educação Escolar Indígena

De acordo com o Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas – RCNEI (1998, p.124),

[...] os alunos indígenas quando começam a frequentar a escola, já têm muito conhecimento sobre o uso oral de sua primeira língua, seja ela qual for. A experiência oral que a criança traz para a escola é a da conversação do dia-a-dia com as pessoas com as quais convive e com as quais compartilha referências culturais.

Isso não significa que as crianças não precisam estudar a sua língua na escola, isso quer dizer que as crianças nunca aprendem a falar na aula, pois quando começam a estudar, já sabem a sua língua na oralidade. Na escola é ensinado como escrever suas histórias, reafirmando o que aprendeu com suas famílias no cotidiano. No ambiente familiar no qual as crianças vivem irá conhecer as histórias naquele local, onde discutem e aprendem a observar o mundo com os principais professores sagrados (pais). Nessa perspectiva, as crianças entram na escola já com o conhecimento. Assim “nessas situações, a compreensão se dá, geralmente, com muita facilidade, porque todos se conhecem e conhecem bem o assunto sobre o qual estão falando. Diante disso, o papel da escola indígena na aldeia é ampliar as formas de expressão oral do aluno em língua portuguesa, para que ele possa se comunicar em novas situações” (RCNEI. 1998. P 124). Assim, uma importante função da escola nas comunidades indígenas é ensinar a falar e escrever o português, para saber comunicar com os outros povos. Isso aumenta a capacidade do povo de lutar para defender o seu território e heranças ancestrais, patrimônios extremamente sagrados para os povos indígenas. Saber comunicar com os não indígenas, através da oralidade e da escrita, valorizar as duas culturas, a indígena e a não indígena. Além disso,

Outra função da escola é desenvolver nos alunos a competência necessária para que eles possam entender e falar sobre os novos conhecimentos introduzidos pelo próprio sistema escolar. Essa capacidade oral deverá ser desenvolvida inicialmente em língua materna, se essa for à primeira língua dos alunos, ou, caso contrário, em língua portuguesa (RCNEI. 1998. P 124)

A introdução do conhecimento tradicional no currículo escolar ajuda a compreensão das novas matérias e aquisição de novas competências. Segundo a palavra do Atakaho Waurá:

[...] a fonte de educação é da casa, as crianças aprendem com as famílias, a gente conta história, música tudo isso sempre na oralidade e na prática, por isso a escola é muito importante para nós ter na aldeia, por que muitos anos atrás a gente não precisava da educação escolar, porque não tinha contato com homem branco (Entrevista gravada em: 12 de maio de 2015).

Ele ressalta que a importância é falar a língua portuguesa, ler e escrever que atualmente é usada como a arma para defender e comunicar com outros povos. Podemos perceber que a fala de Atakaho aproxima-se da proposta do RCNEI (1998, p. 126), “o aprendizado da escrita em português tem para os povos indígenas funções muito claras: defesa e possibilidade de exercerem sua cidadania, e acesso a conhecimentos de outras sociedades”. Nesse sentido, Atakaho Waurá parece conhecer o que está escrito no Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. Falar a língua portuguesa, para ele, é a garantia do exercício de cidadania para os povos indígenas.

De acordo com o relato da anciã Mawanalu Waurá, o seu pai Malakuyawa Waurá era o grande cacique muito inteligente que gostava muito de contar as histórias, conhecidas pelos não indígenas, pois naquele tempo não tinha nenhuma pessoa que fala português. Quando eles chegaram na aldeia, eles se comunicavam através de mão. Por isso ela diz “hoje as crianças estudam muito para saber escrever e ler, mas um dia eles serão nossos guardiões e também não podemos deixar a nossa cultura de lado, pois somente usaremos para fortalecer a nossa proteção. Agora fico feliz de ver as crianças aprendendo as duas línguas por isso que lutamos para ter outro ensino que possa valorizar a nossa cultura”.

Atualmente, as comunidades podem ver que a chegada do ensino da educação escolar na aldeia pode ser um fato que facilita o desenvolvimento de outras habilidades nos alunos, com a possibilidade de se defender por meio da oralidade e a comunicação com outros povos e não indígenas. Podemos entender que os instrumentos mais importantes para a comunidade indígena é escrever e falar na língua portuguesa para dar muita segurança. Assim

o uso da língua indígena escrita é o argumento não só de que ela pode ser um instrumento de defesa e um meio de garantir a manutenção do acervo cultural indígena, mas, também que ela ajuda os alunos que a têm como primeira língua a aprenderem a ler e escrever com mais facilidade na língua portuguesa, dando-lhes mais segurança para viver e conviver na sociedade não indígena” (RCNEI, 1998, p. 126.)

Falar a língua portuguesa, para os povos indígenas, é a garantia do exercício de cidadania. Também, nesse ponto, aprender ler e escrever pode ser uma forma bilíngue, mas também se torna uma arma mais poderosa para enriquecer o conhecimento da linguagem, utilizada para transformar a oralidade em escrita, que permanece importante na sua segurança, ao mesmo tempo traz uma melhor educação para a sociedade indígena.

3.1 História de narração do povo Waurá

Neste capítulo, serão apresentadas algumas histórias tradicionais orais que passam de geração para geração. Geralmente, o povo Waurá narra as histórias para seus filhos no seu modo tradicional de ensinar as crianças culturalmente, através da oralidade, conforme a tradição. Tendo herdado o conhecimento tradicional, o transmite para seus filhos e netos e, assim, vai passando à nova geração.

Geralmente, na cultura Waurá, somente uma família de um pai conta a história para seus filhos, sempre no final da tarde e antes de dormir. Portanto, essa é a parte do trabalho que foi coletada pelos alunos que foram envolvidos na atividade durante a aula como já foi dito no início deste texto. Este trabalho foi desenvolvido na escola da aldeia *Piyulaga*, do povo Waurá. Antes de iniciar o trabalho, primeiramente apresentamos a proposta do tema da pesquisa para os alunos da turma de 9º ano do Ensino Fundamental, porque esses alunos foram envolvidos na atividade de registrar as histórias contadas pelos anciões da cultura *waurá* na comunidade. A partir da apresentação da proposta para a turma, formulamos os questionários de apresentação para a comunidade.

Após essa atividade, aproveitamos a ocasião de reunião da escola para apresentar a pesquisa, envolvendo os alunos. As lideranças ficaram muito satisfeitas por essa proposta de pesquisa e disseram que iria enriquecer os conhecimentos na escola para os alunos terem acesso por meio de leitura, que isso é compromisso de educador na sala de aula, ou seja, que deve buscar alternativas para que as histórias narradas não sejam esquecidas porque atualmente os pais não contam histórias para os filhos, devido ao desinteresse de contar histórias para os seus filhos ou também porque nem todos têm habilidade de narrar as histórias, como diz a senhora Katiparu Waurá, 65 anos “ Há pessoa que narra as histórias bem detalhe e devagar, isso significa que tem costume e coragem de narrar as histórias, e tem pessoa que não narrar direito as história, significa que não tem costume de narrar”. Aí está a importância de pesquisar nessa parte e que as universidades estão oferecendo grande oportunidade para o nosso povo, nos ensinando a registrar algumas partes da cultura

tradicional, e assim vai ser divulgado para que as pessoas entendam que existe uma *relevância* da nossa cultura e da nossa identidade.

Na sala de aula com os alunos, buscamos as informações sobre literatura, entendendo a etimologia dessa palavra no livro, na *internet* e a importância de se compreender o que é literatura, estudando juntamente com os alunos na sala de aula, pois entendemos que a literatura é como música, pintura, dança considerada uma arte, que através dela temos contato com um conjunto de experiências vividas pelos homens, também é um instrumento de comunicação que transmite os conhecimentos e a cultura de um povo. Com essa compreensão, também compreendemos que as histórias que as pessoas contam para os filhos, narrações como o mito e os deuses para explicar o surgimento natural de um povo também faz parte da literatura. Assim, fizemos um questionário na sala de aula para usar a técnica de entrevista.

Depois, num segundo momento após a elaboração do questionário com as perguntas que seriam feitas aos entrevistados na comunidade, saímos da sala de aula para entrevistar o ancião chamado Malalo Waurá com 54 anos de idade. Chegamos à casa dele com muito respeito, e explicamos o motivo de nossa presença na casa e a importância de registrar a história de narração. Inicialmente pedi para o ancião contar a história que as crianças gostam de ouvir e também aquela história que ele não contou muitas vezes ainda. Ele narrou para nós uma história de guerra entre o povo da cobra contra o povo do pássaro. Nesse momento, observamos que contar a história de um povo, ou seja, a narração do povo, o ancião estava mostrando a identidade cultural do próprio povo Waurá.

Depois da textualização (MARCUSCHI, 2001) da história em língua portuguesa, os alunos, com suas anotações no seu caderno e gravações no celular, na sala de aula, recontaram as histórias e uns dos alunos escreveu na lousa, onde textualizaram coletivamente. Após isso, fomos à casa do cacique Awaulukuma Waurá, considerado como grande historiador que tem habilidade de contar e gosta de narrar as histórias para seus filhos e netos. Awaulukuma Waurá narrou a história da menina e a anta, que mostra um momento no ambiente do mundo em que os animais e os seres humanos se comunicavam entre si. É uma história dos Waurá que apresenta início meio e fim.

Depois da narração, os alunos usaram a mesma metodologia na sala de aula, um escrevendo na lousa e outros explicando a história, textualizando coletivamente. Portanto, a história “Guerra entre o povo da cobra, contra o povo do pássaro, a menina e a anta” foi narrada na língua materna *waurá* e versada na língua portuguesa pelos alunos. Durante esse

trabalho de narração, na casa, alguns alunos utilizaram o celular para a gravação e outros usaram a técnica de anotação no caderno.

Essa história narrada pelos pais é a que as crianças gostam de ouvir, ensinando principalmente, a menina importância da regra de aprendizagem na reclusão, nos na cultura Waurá, na primeira menstruação, a menina entra na reclusão. A partir disso, toma erva para que se torne mulher bonita de corpo. Também o ensinamento mais importante para a menina reclusa é arranhar perna e passar erva, assim engrossa a perna da moça e ficará bonita na apresentação da festa. Outro aspecto é o material que a menina moça pode utilizar para se embelezar. O trecho que a mãe da menina oferece objetos, lhe convencendo a abrir a porta como pente, pincel, urucum, resina, colar e cinto, mostra materiais que são utilizados pelas mulheres do povo Waurá. Portanto, a canção em que a menina canta na história, chamando a sua mãe é a música que sempre é cantada pela menina que se responsabiliza pelo bebê quando os pais estão na atividade de roça. Essa história é a demonstração da literatura tradicional na cultura *waurá*, mostrando que também é o mesmo significado que existe entre o povo universal, que a literatura sempre está presente em cada sociedade, de acordo com o Antônio Candido (1989, p.112):

Não há povo e não há homem que possam viver sem ela [a literatura], isto é, sem a possibilidade de entrar em contato com alguma espécie de fabulação. Assim como todos sonham todas as noites, ninguém é capaz de passar as vinte e quatro horas do dia sem alguns momentos de entrega ao universo fabulado. O sonho assegura durante o sono a presença indispensável deste universo, independentemente da nossa vontade (...) podemos dizer que a literatura é o sonho acordado das civilizações. Portanto, assim como não é possível haver equilíbrio psíquico sem o sonho durante o sono, talvez não haja equilíbrio social sem a literatura. Desse modo, ela é fator indispensável de humanização e, sendo assim, confirma o homem na sua humanidade (CANDIDO, 1989, p. 112).

A história da narração é a literatura tradicional de cada povo, que se faz necessário mostrar a identidade a qual o grupo de sociedade pertence. Abaixo uma história narrada, identidade do povo Waurá.

3.2 A Menina e a Anta

Uma menina estava na reclusão com a perna bem grossa. A mãe, o pai e as irmãs dela foram buscar mandioca na roça. Na ausência deles, a menina sempre ficava sozinha no quarto. Enquanto isso, a anta foi procurar embira para fazer a sua rede de pesca. Ela acabou encontrando uma casa, onde entrou achando que não tinha ninguém dentro, somente um

quarto fechado. Assim ela foi abrir esse quarto e viu uma menina linda sentada com a perna já grossa e perguntou:

_ O que foi vovô?

A anta respondeu:

_ Nada. Estou indo procurar embira para fazer minha rede de pesca. Nossa, neta, sua perna é grossa que deixa você ficar mais bonita.

A menina respondeu:

_ Então vovô, você quer que eu amarre a sua perna para ficar igual a minha?

A anta concordou com a menina, ele sentou no banquinho dela. A menina pegou uma corda de arco, amarrou a perna forte para engrossar mais rápido. E a anta falou para a menina:

_ Nossa neta, está doendo muito.

A menina respondeu:

_ Sim vovô. É assim que aconteceu comigo, sua perna vai ficar grossa logo, vovô.

_ Está bem neta.

A menina foi sentar no seu banco e foi cantando. Na versão da música, chamou sua mãe para matar a anta para o pessoal comer.

A anta falou:

_ Nossa, neta, o seu canto está muito estranho, neta.

_ Estou apenas cantando para seu neto não chorar vovô.

_ Está bem, neta.

Ela continua cantando, chamando a mãe dela e pedindo para chegar logo. Poucos minutos depois, ouviu a mãe chegando da roça e chamando.

_ Filha! Vem me ajudar carregar mandioca.

_ Está bem mãe, vou indo.

Antes de correr para ajudar a sua mãe carregar mandioca, falou para anta:

_ Fique deitado aqui vovô, cuida o seu neto.

_ Está bem, neta.

A menina correu para ajudar sua mãe e murmurou.

_ Mãe! A anta está no meu quarto. Disse a menina:

_ Ah, sim! A gente vai matar ela.

A mãe da menina começou limpar a sala da casa, varrendo e carregando uma mão de pilão, arrastando e arrastando entrou no quarto da filha, fingindo que não sabia de nada. Chegou perto da anta, pegou a mão de pilão e acertou na cabeça e matou.

A mãe cortou quatro patas e foi fazer pegadas no caminho, até o fim. Assim, elas dividiram a carne para sua família e foram assar. Logo, a mulher da anta foi procurar o seu marido anta. Enquanto isso, essa família estava assando e comendo a carne. Ela foi direto à casa da menina e perguntou essa família:

_ Vocês não viram o meu marido anta?

Eles responderam:

_ A gente não o viu não, ele não passou aqui.

Mas na verdade, ele estava morto e a carne estava guardada numa mesa dentro da casa. E a mãe da menina completou.

_ Eu o vi, foi nesse caminho da roça! Aponta o dedo para a entrada do caminho da roça.

Ela viu a pegada, seguiu o caminho enganando a ex-mulher da anta. Assim como os outros, aquele caminho tinha pegada de anta.

A ex-mulher da anta voltou e falou para a mãe da menina.

_ Não encontrei meu marido.

A mãe da menina respondeu para ela.

_ Ele foi nesse caminho.

Ela foi seguindo a pegada no caminho e não encontrou. Voltou a falar com a mãe da menina novamente.

_ Eu lembrei que seu marido falou:

_ Vai nesse caminho longo tirar embira. Ela foi indo atrás da pegada do seu marido. Quando partiu para o caminho longo, a mãe e a filha arrumaram suas coisas para fugir da ex-mulher da anta. Elas fugiram e foram na casa da lagarta que ficava ao lado. Chegaram lá e a porta estava sempre fechada. Elas pediram para a lagarta abrir a sua porta:

_ Lagarta, abre sua porta para mim.

A lagarta respondeu:

_ Por quê?

_ Só abra porta para mim.

_ Não vou abrir porta para você.

A mãe da menina respondeu:

_ Abre a porta que tenho um pente para sua filha.

A lagarta respondeu:

_ Minha filha já tem um pente novo.

A mãe da menina foi tentando convencer a lagarta a abrir a sua porta.

- _ Eu tenho um urucum para sua filha.
- _ Eu também tenho esse urucum para minha filha.
- _ Por favor, abre a porta, eu tenho pincel para sua filha.
- _ Tenho também esse pincel da minha filha.
- _ Abre a sua porta que tenho resina para sua filha.
- _ Eu tenho essa resina para minha filha.

Enquanto isso, a ex-mulher da anta voltou à casa da menina. Lá não tinha ninguém e assim ela descobriu que a mãe e a menina tinham matado o seu marido.

A mãe da menina continua convencendo a lagarta.

- _ Eu tenho colar para sua filha.
- _ Minha filha já tem esse colar.
- _ Eu tenho cinto para sua filha.
- _ Minha filha tem um cinto novo.
- _ Por favor, abre a sua porta. Eu tenho urucum para a testa da sua filha.
- _ Ah! Esse eu não tenho para a minha filha.

A lagarta abriu a sua porta bem pouquinho e elas entraram na casa para esconder da ex-mulher da anta.

Logo, a ex-mulher da anta chegou à porta da lagarta e disse:

- _ Lagarta! Abre a porta que eles mataram meu marido.

A lagarta não respondeu nada e não conseguiu encontrar elas.

Assim foi a história da menina com anta.

Narrado por: Awaulukuma Waurá

Data da entrevista: 12 de maio de 2015

Redigido pela aluna: Ayu Regui Waurá

3.3 As histórias semelhantes

Durante a aula, pedimos aos alunos para pesquisar com seus pais ou avós as histórias de narração e produzir o texto. No outro dia, em sala de aula, os alunos vieram com as histórias escritas no seu caderno. Formamos um círculo onde os alunos explicaram o seu sentimento tradicional como ouvinte no momento da narração. Além disso, eles falaram na ocasião de viagem à história, sentimento, sensação que a história o levou no mundo de originalidade humana do povo Waurá. Eles disseram que ouvir as histórias é muito importante

aprender por meio da oralidade e transformar em escrita, em língua portuguesa, que uma experiência nova que aprenderam nessa pesquisa. Isso mostra a relevância de registrar a cultura do próprio povo. Também aprenderam que somente a pessoa preparada e que tem perfil é capaz de narrar história. Muitas pessoas não são capazes de contar as histórias, principalmente, os jovens, mas os próprios alunos sentiram essa habilidade, assim entenderam que narrar histórias é um importante ensino na vida de uma família.

Com esse trabalho coletado pelos alunos, selecionamos essas histórias semelhantes: Aguapé e Buriti. Segundo o senhor Aruta Waurá, (im memorian), essa história sempre acontecia na aldeia do povo *Kiyagaluwa*, que viveu muitos anos atrás, época em que os seres humanos viviam com os animais na mesma aldeia. Onde eles criavam o que era certo ou errado para a convivência dos seres humanos. Disso originou a forma de aproveitar os recursos naturais que o povo utiliza na sua alimentação, conforme a cultura tradicional. Portanto, a flor de aguapé se transformou em mulher linda para casar com o rapaz que levou a família a experimentar o sal aguapé, porém, no final dessa história, a moça conversa com o rapaz, dando a dica de como fazer o sal. Por isso, o povo Waurá também tem muito conhecimento de fazer o sal de aguapé como seu sustento.

3.4 Aguapé e o rapaz

Era uma vez um rapaz solteiro que estava muito apaixonado. Certo dia, ele foi pescar no rio remando na canoa e viu uma linda folha de aguapé com flores linda e disse:

_ Nossa! A aguapé está muita linda, ela podia ser a minha esposa que viveria eternamente com ela.

O rapaz voltou para casa com muito peixe. Quando anoitece o jovem estava deitando na sua rede, logo ouviu alguém chamando o nome dele de fora da casa. Foi ver e encontrou uma linda mulher esperando ele. Perguntou:

_ Quem é você?

Ela respondeu:

_ Sou eu, lembra quando você falou para aguapé linda, que queria casar com ela? Sou eu, estou aqui para você.

O rapaz respondeu:

_ Ah sim, por isso você veio atrás de mim, então vamos entrar na casa.

Eles dormiram junto abraçados na mesma rede de dormir a noite inteira. No outro dia de manhã, o jovem saiu apresentando a sua esposa para as famílias, que também facilitaria o

trabalho na casa. Após isso, mulher fazia xixi na panela de cerâmica transformava em sal tradicional. Com esse xixi preparava comida fazia beiju, cozinhava peixe misturando com pimenta para moradores da casa. A moça sempre tinha capacidade de achar o tempero bem gostoso na comida para as famílias, até que a estranharam. Certo dia na manhã, a família inteira da casa foi trabalhar na roça.

O cunhado ficou com muita curiosidade, escondeu dentro da casa. Logo viu a esposa do seu irmão, levantou da sua rede e fez coco dentro da casa e transformou em sal tradicional. Quando os pais chegaram da roça, o rapaz contou todo o segredo da nora, que fazia sal tradicional fazendo cocô. Assim descobriram e nunca mais aceitavam a comida que a mulher estranha preparava. Também a maltratava mandando ir embora da casa. Certo dia, a moça aguapé falou para o marido levá-la para pescar. Eles foram remando até que chegaram no local, a mulher falou para o marido:

_ Eu vou embora, sua família não gosta de mim, ela me maltrata muito, assim não dá para viver com você.

O rapaz ficou muito desesperado e respondeu:

_ Não! Não vai embora.

Assim, ela explicando de como fazer o sal tradicional através de aguapé. Em seguida, ela foi sumindo e transformou-se em aguapé. O rapaz chorou, voltou para casa sem a sua esposa.

Narrado e redigido por: Tapiyuwá Waurá

Data da entrevista: 12 de maio de 2015

Nesse item apresentamos também outra história da mulher buriti, que na sociedade *waurá* emergiu do povo *Kiyagaluwá*. Ela apresenta a origem da utilização dos recursos da vida. Portanto, essa história a seguir, constitui a rede de dormir utilizada na comunidade Waurá que é feita de buriti, sendo principalmente tarefa da mulher. No entanto, percebe que no final dessa história, a mulher discute bastante com o rapaz, explicando a técnica de fazer a rede de dormir. Outro significado desse aspecto é que a nora das famílias é obrigada a fazer a rede de dormir para o esposo, o sogro e a sogra. Assim, ensinando aos jovens a se preparar antes do casamento para ajudar a família na convivência. Abaixo, apresentamos essa história escrita.

3.5 Mulher Buriti

Era uma vez um rapaz forte, bonito e solteiro, que foi pescar no rio. Remando na canoa, passou em frente da linda folha de buriti brotando e pensou:

_Nossa! Que lindo, é desse jeito que quero a minha esposa. O buriti estava ouvindo o que o jovem estava falando com ela.

Ele voltou para casa com muito peixe. A noite antes de dormir ouviu a voz da mulher fora chamando o nome dele. Saiu lá fora, abriu a porta da casa e viu uma menina linda e disse:

_Quem é você?

Ela respondeu:

_ Sou eu, aquela que você admirou e gostou muito no rio, por isso estou aqui para ser a tua esposa.

Eles casaram e foram dormir na primeira noite juntos felizes. No outro dia, o rapaz a apresentou para família antes de ir trabalhar na roça. Na ausência da família, a moça buriti viu que a rede de dormir dos moradores dessa casa estava toda rasgada e suja. E ela resolveu ajudar, tirou todas as redes e colocou dentro da panela e deixou tampada até tarde. Quando os pais do jovem casal chegaram da roça, não tinha rede para descansar e eles acabaram tendo de ficar sentado até tarde. A moça destampou a panela e as redes voltaram a ficar novas, Foi nessa hora que os pais amarram as redes para descansar. Após esse acontecimento, todos os dias ela fazia isso com a rede dos moradores da casa, somente à tarde os deixava descansar. Como acontecia todo dia, acabava recebendo grande reclamação dos pais do rapaz porque não gostavam do trabalho da nora. Até que um dia a nora não aguentou mais receber a reclamação, ficou muito triste e pediu ao marido para ir pescar.

No outro dia, ele a levou para pescar, remando na canoa. Chegou ao buritizal, pediu para parar e falou ao marido:

_ Eu vou embora, seus pais não gostam de mim, eles não gostam do meu trabalho, por isso preciso ir.

O rapaz com muita preocupação, respondeu:

_ Não vai embora, não quero ficar sem você!!!!

Mesmo assim a moça explicou sobre a rede de dormir (como que faz? Quem vai fazer?) e logo ela sumiu e se transformou em buriti.

Assim o rapaz voltou sem esposa, sem peixe e brigou com os seus pais na casa.

Narrado por Kuripawaka Waurá e redigido por Wokepe Waurá

Data da entrevista: 12 de maio de 2015

As duas histórias “Aguapé e o rapaz” e a “Mulher Buriti” são narrações que têm aproximação e semelhanças bem grandes, que se originaram do antigo povo *Kiyagaluwa*. Apresenta na sociedade *waurá* uma aprendizagem para os jovens ficarem preparados para cuidar bem das famílias e mostrar a sua responsabilidade de trabalhar na casa de uma família da sua esposa ou do esposo.

Também tratamos da história que o povo Waurá acredita que realmente ocorreu há milhões de anos atrás. Por isso, na atualidade, essa história se tornou uma aprendizagem na cultura. Tradicionalmente esses conhecimentos são repassados através da oralidade e na prática. No entanto a mitologia narrada pelo ancião Malalo Waurá, de 56 anos de idade, é uma história que mostra a briga entre o povo cobra e a ave que aproxima muito da característica do ambiente cultural do povo Waurá. O exemplo é a festa *Yawari*, que é realizada quando um Waurá queima o arco e a flecha de uma pessoa importante falecida. O outro povo convidado vai disputar e acertar o adversário com flecha específica para essa festa. Durante essa cerimônia, a pessoa escolhida que lidera essa festa vai ser denominada de falcão (*yujatapa*). A pessoa disputará na primeira fase, procurando acertar o adversário. Na sequência, a pessoa denominada representa aquela ave arqueiro. Conforme a história de origem, as pessoas vão entrando na competição. Veja a seguir a história narrada pelo ancião Malalo.

3.6 Povo cobra e ave

Há muitos anos atrás, os animais se comunicavam com a os seres humanos, assim como o Sol e a Lua era gente naquela época. Pois o Sol era o homem muito invejoso de ver os animais vivendo tranquilamente no seu mundo. Certo dia, ele foi ao povo da cobra escondido no meio da floresta para matar o cacique deste povo. A cobra *Usixupi* que era o cacique, sentando no centro da aldeia na casa dos homens, enquanto Sol, o mirando bem distante, lançou a sua flecha, que acertou na cabeça e morreu adormecendo. Logo, as pessoas perceberam que alguém importante estava morto. As pessoas começaram a se movimentar a procura de quem tinha disparado a flecha, querendo saber quem matou o cacique. O Sol muito esperto inventou as patas de muitas aves e fazendo a pegada em alguns caminhos deste povo. Ainda ele transformou se em anu preto, voando em cima da aldeia, observando o enterro no centro da aldeia com muita gente revoltada, lamentando a morte do cacique.

Após isso, este povo encontrou o jeito de descobrir quem o matou, pois encontraram as pegadas de muitos pássaros no caminho. Assim descobriram que alguma das aves tinha

matado o cacique. Desse modo, pensaram em vingar a morte da sua pessoa importante e declararam guerra.

Eles se preparavam, fizeram muitas suas flechas e partiram. Chegaram perto da aldeia do povo das aves era noite e acamparam. Conforme o plano, eles iam atacar antes do amanhecer e os guerreiros estavam prontos para atacar. De madrugada, eles foram cercando a aldeia inteira. Nesse momento, o cacique *Yujatapa* (falcão), grande arqueiro saiu de sua casa para aconselhar o seu povo, dizendo:

_ Meus jovens! Jovens! Levantem-se! Preparem-se para o novo dia de trabalhar, porque hoje, não dormi direito, parece que acontecerá uma coisa muito grave com nossas famílias.

Nesse instante uma das cobras disparou a flecha atirando o cacique *Yujatapa*, pois ele pulou e não acertou, voando na sua casa. Logo, as cobras invadiram a aldeia matando muitas pessoas e também defendendo-se. Após isso, voltaram para sua aldeia e os pássaros ficaram tentando entender o motivo do ataque. Com muita raiva, o cacique *Yujatapa* declarou guerra e começaram a preparar-se. Noutro dia, os pássaros formularam a ideia, e *Sawiyaká* colocou a sua proposta, primeiro, pegar as armas dos seus inimigos e depois atacar. Mas como? Onde ele mesmo habilitou-se. Partiram de madrugada caminhando em fila na floresta. Chegaram próximo da aldeia continuando a fila em volta da aldeia de seus inimigos. Logo o *Sawiyaká* passou o líquido de uma árvore *mawātākuma* no corpo fingindo que sofreu ataque de índio e ficou cheio de sangue. Ele foi caminhando sozinho, entrou na aldeia onde avistaram as muitas cobras mirando com suas flechas, andando entre eles rezando para não ser flechado pelos seus inimigos e andando em direção da casa do novo cacique irmão. Chegou à casa dele e disse:

_ Cacique! Veja como estou! Eu fui atacado pelos índios, por isso estou precisando da sua ajuda. – o cacique respondeu:

_ Como eu posso te ajudar?

_ Eu quero que fale para seu povo entregar os arcos e flechas para vingar-me. Disse ele.

Assim, o cacique falou para seu povo e entregaram suas armas, mas algumas cobras como: *meeke*, *keyetsitsá*, *iyapitsiwi*, *kapulupi*, não gostaram da ideia e não deram suas armas. O *sawiyaká* voltou no mesmo caminho carregando flechas e arcos e encontraram com seu povo no esconderijo. Quando ele estava chegando o *wele* perdeu a paciência e saiu do seu refúgio gritando e anunciando a guerra. Com isso, começou o ataque. Em resposta disso, aqueles que não entregaram as armas, somente eles se protegeram, matando os seus inimigos. Aquelas aves carnívoras foram comendo as vítimas nessa ocasião.

Muitas pessoas morreram nessa aldeia e as aves voltaram com muita alegria e vitória. Mas a guerra não terminou. No outro dia, o povo cobra preparou-se para mais vinganças. Pois os pássaros sempre estavam em atenção, temendo que seus inimigos iriam atacar.

Um dia, as aves organizaram a pescaria, foram bater timbó na lagoa que ficava no arbusto entre o cerrado, onde o *yujatapa*, *maakawa* e outras aves se habilitaram a ficar de vigia para a proteção. Assim, a ave que chamava *aitsaitsa* foi pousar no galho de árvore muito alta enquanto outros começaram bater timbó. As aves como garça, bem-te-vi, socó, tuiuiú e demais outros pássaros flechando peixes na lagoa. De repente, o *maakawa* a avistou de longe um índio com sua flecha e gritou para colegas pescadores, dizendo:

_ *Awakamawé. Awalamawé. Awakamawé* - nós vamos morrer!

Deste modo, perceberam que naquela árvore alta havia pássaro vigiador. Assim eles pensaram, onde a cobra *uwimiyululuka* se habilitou, disse:

_ Eu vou primeiro, assim que verem o meu sinal, vocês irão atacar.

Ele foi mergulhando no fundo do solo e apareceu embaixo de uma árvore em silêncio. Mirou o *maakawa* e acertou, depois acertou *aitsaitsa*, mas esse pássaro tirou bem rápido a flecha, ele rezou, melhorou rapidamente e disse para seu inimigo:

_ Você acha que me acertou! Que pena que não.

_ Eu já acertei você.

_ Não, você não me acertou. Ele foi fugindo.

A seguir os grupos de cobras chegaram ao local da pescaria lutando, matando as aves. Do mesmo modo os pássaros se defenderam. Nessa localidade de pescaria virou local da morte de pássaros e de cobras.

Contudo, o cacique do povo pássaros pensou “se a gente voltar atacar eles, a guerra não vai ter fim, melhor não vingarmos”. Conversou com seu povo, que concordou com a ideia e assim finalizou o confronto de dois povos.

No mundo do povo Waurá, o Sol e a Lua são dois irmãos gêmeos que são criadores dos seres humanos, que lutaram muito para conseguir a coisa melhor para humanidade, como: casa, plantação, comida e nessa história, a guerra entre povo cobra contra as aves representa a cultura interna e identidade da comunidade, que percebe que as acusações e as vinganças sempre acontecem na vida real, pois a povo Waurá acredita que o próprio criador que instituiu os recursos para humanidade no universo. Contudo esse trecho, “Ele foi sozinho à aldeia caminhando no centro no meio de muitas cobras o mirando com suas flechas, andando entre eles rezando para não ser flechado pelos seus inimigos” na sociedade *waurá*, a reza que o pássaro *sawiyaká* utilizou quando foi pedir alguma coisa necessária. Atualmente a reza é

usada para pedir comida, os materiais de pesca emprestando, o dinheiro e outros. Outra parte da reza do pássaro *aitsaitsa*, mas esse pássaro tirou bem rápido a flecha, ele rezou, melhorou rapidamente e dizendo para seu inimigo:

_ Você acha que me acertou! Que pena que não.

_ Eu já acertei você.

Esta reza do pássaro *aitsaitsa* também é utilizada quando a pessoa sofre acidente de bicada de cobra para diminuir a dor a parar de sangrar. No caso de corte de faca e qualquer ferimento grave é utilizado essa reza pela pessoa feita pelo historiador e rezador. Outra parte muito significativa para o povo é quando o pássaro *maakawa* voa a aldeia com seu grito:

_ *Awakamawé. Awalamawé. Awakamawé* significa uma novidade ruim acontecerá, principalmente falecerá alguém da aldeia, na cultura ocidental é a coruja. Assim a comunidade sabe antes de acontecer a situação. Podemos perceber que nem todas as cobras não são venenosas, portanto, o trecho: *O cacique falou para seu povo e entregaram suas armas* é a comprovação de que aquela cobra que obedeceu ao cacique entregando suas armas não é venenosa, como sucuri, cobra coral e demais outros. Entretanto, aquelas que não obedeceram ao seu líder, são as venenosas. Dessa forma, que povo *Waurá* entende a mitologia narrada pelo autor.

CAPITULO IV – A LITERATURA E A ESCOLA

4.1 Experiências de literatura na escola

Neste capítulo, trataremos do relato da experiência e conhecimento da literatura na Escola de Educação Básica da aldeia *Piyulaga*, que na vida cotidiana deparamos com os caminhos da leitura que são motivados por situação de necessidade. Por isso, podemos afirmar que a leitura é fundamental para construção do conhecimento e para o desenvolvimento intelectual do ser humano. Também considera a escola como uma função importante na formação do indivíduo leitor, pois a escola cria a possibilidade que oportuniza o desenvolvimento do gosto pela leitura. Portanto, podemos ver a aplicação da experiência de aula de literatura tradicional (leitura) na educação escolar indígena da comunidade *waurá*. Esses conhecimentos na escola levam os alunos a entender a ciência da literatura interna da própria comunidade para alcançar o objetivo de entender a aspiração e a importância da leitura, para que valorize as histórias tradicionais e a cultura do povo.

Essa experiência de literatura tradicional na sala de aula é um conhecimento intercultural, no qual usamos a técnica na aprendizagem de uma nova ciência, adquirida com a técnica da entrevista, da gravação no celular, da câmera fotográfica, tradução versando na língua portuguesa e utilizando o material escolar. Conforme a cultura do povo Waurá, foi passado o conhecimento por meio da oralidade e da prática.

Na sala de aula, discutimos sobre literatura e pesquisamos a etimologia da palavra. Entendemos que a literatura é como uma manifestação artística, que tem por finalidade recriar a realidade, a partir da visão de alguém que convive num determinado ambiente. Com base em seus conhecimentos, seus pontos de vista e suas técnicas narrativas o sujeito compreende essa disciplina, levando a pessoa a utilizar a prática de leitura, que tratam da teoria da relatividade formulada, também permitindo o contexto sócio cultural que essa ciência insere.

De acordo com amostra de conhecimento de ensino da literatura, os alunos criaram a pequena história de sua imaginação, em que todos produziram os textos no mundo em que os animais e os seres humanos se comunicavam baseado na história da narração do povo Waurá. Nessa atividade, escreveram as histórias escritas na língua portuguesa com o título: “Casamento de coruja com seu ovo”, “Tráfico de esposa de morcego”, “Mosquito, genro bonito”... Depois da apresentação, discutindo que dentro da literatura entra também a nossa forma de ensinar tradicionalmente Waurá, em que mostra a diferença e a importância da

oralidade e a escrita. Por outro lado, podemos transformar a oralidade em escrita para que os alunos entendam a relevância das duas modalidades e métodos de aprender.

Prosseguindo a explicação sobre os mitos existente na cultura de cada povo apresentamos a explicação da existência de seres no mundo, assim cada povo possui a presença de mitos, que mostram sua particularidade na cultura. Em seguida, fomos na casa do senhor Malalo Waurá, 54 anos de idade, que consideramos amável para contar as histórias. Conforme a pergunta dos alunos, ele questionou que atualmente não conta mais as histórias, acreditando que as pessoas também não narram às histórias devido ao desinteresse. Outro ponto que ele citou foi o fato de ultimamente todas as noites as crianças assistem televisão e isso atrapalha a narração das histórias e dos mitos para as crianças antes de dormir.

Primeiramente, ele narrou à história que as crianças gostam de ouvir e escutar: *Apasa* (Dono da floresta invisível), que assim foi resumida:

Certo dia um jovem casado encontrou uma barragem dono da floresta invisível que armava um jegui para capturar pessoa e comer. Nessa jegui estavam os tipos de espécie de caramujo como isca. O rapaz não pegava o caramujo com a mão, somente pegava com uma vara para não ser pego. Assim, todos os dias, chegava da sua roça conseguia levar um monte de caramujo que serve para fazer lindo colar. Logo, o cunhado apareceu, viu esse caramujo lindo e pediu ele mostrar, mas não queria mostrar. Depois que insistiu muito, resolveu levar seu cunhado ate na roça mostrando para ele, lá explicou o perigo, se pegar com a mão vai ser capturado por armadilha e depois voltaram para aldeia.

No outro dia, o rapaz foi sozinho pegar o caramujo, onde ele pegou com a mão e ficou capturado pela armadilha, após alguns minutos chegou o Apasa, pegou o rapaz ate na casa para os filhos, onde a esposa colocou dentro da panela para cozinhar. Logo, o pai chamou a esposa deitar e deixou à responsabilidade de pequeno espírito (filho) cozinhar o jovem enquanto namorava. Pouco depois, o jovem acordou, pulou da panela e fui correndo para o mato, nesse momento, os filhos tentou avisar o pai, mas sempre pedindo cuidar. Um dos filhos avisou o pai que o humano está longe, ficou assustado e tentou pular mais rápido possível, mas já está na floresta. O rapaz se pintou com carvão e subiu na arvore. Logo apareceu Apasa a procura dele, como o jovem estava preparado, imitou o grito de pássaro urutau, assim o dono da floresta ficou com medo e voltou. Após, o rapaz desceu da árvore e foi para a aldeia.

Na cultura Waurá, o espírito *Apasa* traz duas coisas na vida da pessoa. Ele é considerado como espírito extremamente perigoso, que rouba a alma da pessoa e, ao mesmo tempo, depois que ele deixar retornar a sua alma para pessoa, já junto com espírito dele, significa que a alma dele sempre estará protegendo você do perigo.

Outra história que ele narrou foi “Caçada de ladrão” (Ratinho e a anta), também assim resumida:

O ratinho morava com seu padraсто homem que era dono da roça de milho. Depois de plantio o milho vai crescendo e o padraсто do rato sempre ia à roça cuidando a sua plantação, chegando a casa contando para a sua esposa e para seus filhos. Após

de mais um mês o homem chegou da roça, falando para a sua esposa que o milho já estava quase pronto. Nesse momento o ratinho ouvindo a conversa, correu para avisar o seu tio anta para pegar o milho, logo a anta foi a roça estragando tudo o milharal e trazendo para seu sobrinho comerem. No outro dia o padraço foi cuidar do milharal e viu que estava estragada, chegou a casa falando para a família da casa que não gostou da pessoa que estragou o plantio. Assim o homem falou que levará amanhã as armas para matar o culpado que estragou a plantação. Ao ouvir essa conversa o ratinho correu para seu tio avisar. Ao amanhecer o homem foi a roça a espera de pessoa, mas não apareceu ninguém. No outro dia quando o padraço não foi a roça, logo o ratinho foi mandar o seu tio buscar milho, depois o homem passou na sua roça aumentou o estrago, assim o ficou muita mais raiva e falou para sua esposa que vai matar esse homem quando aparecer na roça amanhã. Novamente o ratinho avisando a anta não ir comer milho. Todos os dias na roça o padraço ficava esperando alguém aparecer, mas não aparecia ninguém porque o ratinho avisava o seu tio anta. Certo dia, o padraço teve a ideia, falou para seu povo ir à pescaria. Antes de partir, tudo mundo fez muitas as suas flechas. Depois, o padraço levou povo partiram para pescaria, na ausência deles o ratinho correu na casa do eu tio o mandando comer milho enquanto o padraço está na pescaria. Logo o pessoal voltando com muito grito de felicidade e disseram que mataram a pessoal que estragava o milharal. Ao ouvir esse grito o ratinho pensou apavorado “deve ser meu tio”, e chorou muito ao ver o seu tio morto.

Essa história viaja no mundo dos animais entre seres humanos, quando estes se comunicavam e moravam na mesma aldeia.

A última história que o ancião narrou foi: “A mulher e o Sapo”, resumida abaixo:

Uma moça solteira, bonita vivia com suas famílias na mesma casa, ela sempre pedia um bebê para ela, por falta disso vivendo em sofrimento. Certo dia, na época da colheita de mandioca, a mãe pediu para a filha buscar o resto que ela deixou na roça. A moça obedeceu. Ela foi caminhando com o pensamento na cabeça e com seu sentimento de tristeza e solidão no caminho, de repente no seu andar, avistou um lindo sapo embaixo da sombra. Ela o pegou no colo brincando e fazendo cosquinha nela. Assim, a mulher sentiu algo muito estranho, algo de alegria, logo pensou em tratar como filha e fez uma casinha embaixo da sombra das árvores. Ela voltou para casa com muita alegria carregando mandioca. Deste modo, a mulher ficou alegre todo dia. À tarde a mãe buscava mandioca e a moça também ia atrás da mãe, pois antes de entrar na roça ela cuidava a seu bebê escondido. Todo dia ela levava a comida para alimentar sua filha sapo. No outro dia levava os materiais de pinturas, ela pintava o corpo e ficava bonito para ela. Certo momento a famílias estranharam a felicidade dela, assim o cunhado dela começou a seguir. Quando chegou o horário da saída para a roça ela arrumou suas coisas e partiu, mas também o cunhado foi seguindo. Chegou ao local, o sapo pulou no colo da mulher, assim descobriu que ela estava cuidando do sapo como se fosse a filha. Depois o moço voltou para a casa. Logo a moça chegou em casa com alegria, carregando mandioca com a mãe. Após o cunhando saiu escondido para roça, chegando ao local do bebê, o sapo pulou achando que a mãe veio cuidar, mas esse rapaz pegou um pedaço de pau e matou o bebê. No dia seguinte, a moça fingiu que ia novamente à roça. Quando ela foi chegando perto, o seu bebê não pulou mais. Ela o alcançou e viu que ele está morto. Com esse acontecimento ela chorou muito e a tristeza voltou nela.

Essa história de narração acontece no povo *Kiyagaluwa*, que mostra a origem da pintura de bebê na cultura Waurá, cujo significado é o amor por filho ou pela filha.

Atualmente essa pintura que a moça utilizou no sapo é utilizada para pintar o bebê para crescer saudável, tanto do sexo masculino quanto do sexo feminino.

Nesse momento de narração da história, percebemos que o contador de história se sente confortável de narrar às histórias no ambiente natural da sua casa, também notamos que ele representa a identidade do povo Waurá.

Na sala de aula, os alunos formaram três grupos para escrever as histórias, narrando na língua portuguesa com a ilustração. Após isso, convidamos os alunos da turma 3º e o 6º ano, onde cada grupo apresentou para os outros alunos em forma de teatro, demonstrando a história. Assim foi a experiência da aula de literatura tradicional na sala de aula na Escola Estadual Indígena de Educação Básica *Piyulaga*, na comunidade Waurá.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a realização desta pesquisa, fizemos entrevistas com os anciões da comunidade Waurá, leituras de alguns estudiosos da teoria literária, assim como a literatura indígena. Toda a experiência foi desenvolvida com alunos do Ensino Fundamental, através do registro das narrativas tradicionais do povo Waurá, buscando dar significado para o trabalho com a leitura e a escrita na escola. Ao final deste trabalho, concluímos que de fato a literatura indígena é bastante rica e constitui a essência da sabedoria indígena, de todo conhecimento tradicional. No entanto é preciso que os professores aprendam a trabalhar essa literatura na escola com as crianças e adolescentes, mostrando para eles a importância deste conhecimento.

Nesta atividade de pesquisa com os alunos, entendemos que a narração de história é uma ferramenta muito importante para a literatura indígena na escrita, já que pode mostrar esses conhecimentos tradicionais dos povos indígenas e que seja conhecido nas escolas nacionalmente, trazendo leituras e tornando possível para a criança perceber, com mais clareza, as múltiplas mitologias que fazem parte da formação do povo brasileiro. Com esse tipo de trabalho, cria-se uma intensa barreira contra o preconceito, contornando o indivíduo sob o ponto de vista estético e mais humano.

Portanto, nessa jornada de recorte de dados e desenvolvimento das atividades, os alunos captaram a importância da aprendizagem intercultural entre escrita, oralidade e a prática, reafirmando os conhecimentos dos anciões que a Educação Escolar traz, com o fortalecimento da cultura e a educação tradicional do povo.

Neste trabalho, aprendemos também que narrar às histórias na oralidade, não tem diferença ou menos importância do que a narração de histórias escritas, isso é processo da aprendizagem de conhecimento e de valorização da memória da comunidade de cada povo. Esta pesquisa despertou o interesse dos alunos e grande satisfação pelo conhecimento tradicional, reconhecendo a sua identidade na tradição de na forma de aprender das suas famílias.

Registrar os conhecimentos tradicionais do povo significa que não só servirá para futuras gerações, como também servirá para apresentar informação sobre povo Waurá. Registrar os conhecimentos empíricos é a grande valorização e oportunidade que a universidade oferece para a formação acadêmica indígena, voltada para a sua cultura, trazendo o resultado para comunidade. Isso acontece porque o conhecimento adquirido é um passo forte e relevante para a educação escolar indígena.

Deste modo, os alunos podem conhecendo mais a importância da sua identidade e de sua cultura, mergulhando nas suas origens ancestrais. Assim, a pesquisa vai mostrar o resultado que os registros de informações relacionados à cultura tradicional criam uma biblioteca, na qual os jovens podem buscar essas informações, diminuindo o risco de perder esses conhecimentos futuramente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALANA FRIES *UFRGS* - Daniel Munduruku e Kaka Werá Jecupé, 2013

BRANDÃO, Helena Nagamine. (Coord.) **Gêneros Do Discurso Na Escola: Mito, Conto, Cordel, Discurso Político, Divulgação Científica**. Ed. 5. São Paulo: Cortez, 2011. (Aprender e Ensinar Com Texto, V.5).

BRASIL. Ministério Da Cultura e Do Desporto. **Referencial Curricular Nacional Para as Escolas Indígenas (RCNEI)**. Brasília: Mec, 1998.

CÂNDIDO, Antônio. **Literatura e Sociedade**. Revista pelo autor. Ouro sobre Azul, Rio de Janeiro 2006. Luchterhand Verlag, Neuwied.

Instituto Socioambiental – **ISA**. Disponível em: < <http://www.socioambiental.org/pt-br>.> Acesso em: 24 de fev. 2015.

JECUPÉ, Kaka Werá. **A terra dos mil povos: história indígena brasileira contada por um índio**. São Paulo: Peirópolis, 1998.

Línguas e história no Alto Xingu. In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (Orgs.). **Os povos do Alto Xingu**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2001. p. 111-56.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MUNDURUKU, Daniel. Entrevista. In: CANCIAN, Vanessa do Portal Namu. Disponível em: < <http://www.namu.com.br/materias/daniel-munduruku-e-educacao>> Acesso em: 24 de fev. 2015.

CONSULTORES NATIVOS

Atakaho Waurá, 55 anos de idade, cacique.

Awaulukuma Waurá, 64 anos de idade, cacique.

Malalo Waurá: 54 anos de idade, historiador, cantor.